

EDUCAR EM DIREITOS HUMANOS COM A SOCIOPOÉTICA: POTÊNCIA COLETIVA, ARTÍSTICA E DESCOLONIZADORA DE “GERAR FILHO PELAS COSTAS”

*Maria do Socorro Borges da Silva*¹, *Shara Jane Holanda Costa Adad*²

Resumo:

Esta produção analisa a potência da Sociopoética como abordagem científico-metodológica e filosófica de educação em direitos humanos numa perspectiva descolonizadora do saber, democrática e artística. Recorta a fase interventiva da pesquisa de doutorado sobre educação em direitos humanos de crianças e adolescentes, potencializando as experiências e as criações de professoras da educação básica, em contexto de violação de direitos. Fundamenta-se, principalmente, nos estudos de Gauthier (2010, 2012), Deleuze e Guattari (2010, 2013), Foucault (1992, 2014), Morin (2005), Santos (2005, 2010), Panikkar (2004) e Larrosa (2016). A pesquisa revela a potência da Sociopoética como dispositivo de intervenção nos modos de pesquisar e de educar em direitos humanos crianças e adolescentes de forma coletiva, inventiva, descolonizadora das formas excludentes de saber. Sua força educativa se expressa no *modo-de-educar-na-ciranda*, com a circularidade dançante e a alacridade encarnada nos problemas cotidianos de violação de direitos básicos.

Palavras-chave: Educação. Direitos Humanos. Metodologia. Sociopoética.

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí, UFPI. É professora na área de Fundamentos Históricos e Sociológicos de Educação na Universidade Federal do Piauí (UFPI) no Departamento de Fundamentos de Educação (DEFE) do Centro de Ciências da Educação (CCE).

E-mail: msocorrobs@ufpi.edu.br.

2 Doutora e Mestre em Educação. É professora na área de Fundamentos Sociológicos de Educação na Universidade Federal do Piauí (UFPI) no Departamento de Fundamentos de Educação (DEFE) do Centro de Ciências da Educação (CCE).

E-mail: shara_pi@hotmail.com.

TO EDUCATE IN HUMAN RIGHTS WITH SOCIOPOETICS: COLLECTIVE POWER, ARTISTIC AND DECOLONIZING OF “SON GENERATED BEHIND BACK”

Maria do Socorro Borges da Silva, Shara Jane Holanda Costa Adad

Abstract:

This production analyzes Sociopoetic’s power as scientific-methodological approach and educational philosophy in human rights in one decolonizing perspective of the knowledge, democratic and artistic. It shows a stretch of intervention phase of the doctoral research on teenagers and children education in human rights, enhancing the experiences and creations of the basic educations’ female teachers, in context of rights violation. It is grounded, mainly, on the studies of Gauthier (2010, 2012), Deleuze e Guattari (2010, 2013), Foucault (1992, 2014), Morin (2005), Santos (2005, 2010), Panikkar (2004) e Larrosa (2016). The research reveals the Sociopoetic’s power as intervention device in the ways of researching and in the to educate teenagers and child in human rights in a collective manner, inventive and decolonizing of the excludent ways of know. Its educational strength is expressed on the hand-in-hand-way-of-educating, with dancing circularity and the alacrity incarnate on the quotidian problems of basic rights violation.

Keywords: Education. Human Rights. Methodology. Sociopoetics.

Introdução

A Sociopoética nos causa, no processo de intervenção de pesquisa sobre educar em direitos humanos, aquilo que Deleuze (1992; 2013) definiu como um filho monstruoso gerado pelas costas, devido à necessidade que todo autor tem de passar por espécies de descentramentos, de deslizos, de quebras, de emissões secretas, mas que dão muito prazer. Uma espécie de descolonização da mente, do saber instituído e normatizado pelo modelo de ciência cartesiana eurocêntrica. É monstruoso reinventar-se. Uma espécie de morte! Uma experiência de perder-se de si mesmo como sujeito da razão tão bem produzido pela modernidade capitalista para aventurar-se no desconhecido, no deslocado, no descentrado (HALL, 2011), na contemporaneidade.

Nesta atualidade, “[...] a maior parte do universo, senão quase a totalidade, está destinada ao caos, à dispersão e à desintegração. Os sujeitos estão, portanto, completamente perdidos” (MORIN, 2005, p. 327). Para este autor, a hiperespecialização dos saberes disciplinares reduziu em migalhas o saber científico. Assim, todos os conceitos molares que abrangem várias disciplinas estão esmagados ou dilacerados entre essas disciplinas e não são reconstituídos pelas tentativas interdisciplinares. Torna-se difícil pensar cientificamente o indivíduo, o sujeito, a sociedade.

Assim, com base nesse paradigma dominante (SANTOS, 2005, 2010) de feições eurocêntricas, excludentes, produziu-se uma “violência epistemológica” que reduz outras culturas a objeto de exploração com a destruição de outros conhecimentos, submetendo relações e regiões do mundo à lógica de capitalismo global, produzindo uma ciência arrogante que só reconhece conhecimentos alternativos na medida em que pode canibalizar. Dessa forma, produziu também um modelo de direitos humanos de caráter normativo, abissal e universalista que não consegue enxergar as diversidades e diferenças, revelando “[...] nossa impotência em mudar nossas constituições, no momento em que se torna cada vez mais urgente a declaração, por todos os povos, dos “Direitos da Natureza” (GAUTHIER, 2012, p. 21) e dos direitos da vida. Assim, a perspectiva de educação em direitos comprometida com os mais excluídos e, para além dessas linhas abissais deveria, se for o caso:

[...] estilhaçar a janela e transformar os diversos portais em uma única abertura, com o conseqüente risco de colapso estrutural, ou deveríamos antes ampliar os pontos de vista tanto quanto possível, e acima de tudo, tornar as pessoas cientes de que existe, e deve existir, uma pluralidade de janelas? A última opção favoreceria um pluralismo saudável. (PANIKKAR, 2004, p. 210).

Daí, nosso primeiro interesse pela Sociopoética, pois, como abordagem filosófica, metodológica e científica, ou seja, híbrida, ancora-se no paradigma da teoria da complexidade de Edgar Morin (2005); como filosofia, produz conceitos a partir de problemas da vida, na perspectiva do que é filosofia em Deleuze e Guattari (2010).

Assim:

A Sociopoética é uma construção de pedras, talvez de águas, talvez de lama, talvez de magmas, talvez de ventos e nuvens e relâmpagos, mas uma construção sim, explicitamente filosófica. É um socioconstrutivismo. Instituir um grupo-pesquisador, convidar culturas de resistência para participarem de leitura de dados produzidos pelo corpo inteiro, a partir de técnicas artísticas intensificando as potências do inconsciente, da emoção, das sensações, de intuição e da razão, questionar o sentido da pesquisa, tudo isso é, além de um posicionamento filosófico, uma prática específica de filosofia. (GAUTHIER, 2005, p. 260).

Gauthier (2012) explica que, na Sociopoética, além de lidar com personagens filosóficos, como um heterônimo do grupo-pesquisador, advindo da filosofia deleuziana, produz-se os confetos, pois o pensamento interfere nos afetos e nos conceitos. Esses afetos não são emoções individuais, mas intensidades que percorrem o corpo, potencializando-os, separando-os e compondo-os. Os confetos emergem da fusão entre arte e filosofia. Os confetos são “perceptos” (intensidades de percepção) estéticos e os afetos criam um estar-no-mundo, que favorecem a emergência de figuras sensíveis, emocionais, intuitivas e estéticas que ativam o pensamento.

Assim, neste artigo, fazemos um pequeno recorte da parte metodológica da tese de doutorado, situando o método de intervenção na experiência de produção de dados, com o objetivo de analisar a potência da Sociopoética como abordagem científico-metodológica e filosófica de educação em direitos humanos numa perspectiva descolonizadora do saber eurocêntrico, democrática e artística a abordagem sociopoética, especificando seus critérios, princípios e passos metodológicos, em vista da construção de uma educação em direitos humanos de crianças e adolescentes, por sujeitos advindos das culturas de resistência, mulheres professoras da educação básica. Trazemos resultados do processo de produção de dados da pesquisa de intervenção doutoral, anunciando alguns confetos do grupo-pesquisador Cidadão Persi – coletivo de professoras da comunidade escolar “Mãos Dadas” no território do Grande Parque Alvorada entre Timon (MA) e Teresina (PI) sobre os modos de Educar em Direitos Humanos de crianças e adolescentes que potencializam a vivência no grupo.

Critérios, princípios e passos da criação sociopoética

Do ponto de vista científico, a Sociopoética faz uso de critérios científicos, como o da *pertinência* ao invés da busca pela verdade. Nesse sentido, “[...] a intencionalidade Sociopoética [...] não é de encontrar a verdade sobre as representações que tal ou qual grupo social se faz de uma noção, e sim de colocar tipos de pertinências heterogêneas, cultural e historicamente produzidas em ambientes cognitivos diferentes” (GAUTHIER, 2010, p. 26).

Outro critério importante é o *globalismo*, reconhecendo que a análise tem valor

científico até certo ponto, pois tudo é imerso no meio ambiente maior e as relações globais negligenciadas pela análise podem ser a teia de fundo que condiciona os devires de cada elemento analisado. Assim, o grupo-pesquisador é o meio que a Sociopoética institui para manter essa visão global, ao passo que faz a convocação da “[...] intuição, das sensações, das emoções e da imaginação ao lado da razão – mesmo de várias formas de razão – é nossa garantia para mantermos o globalismo suficiente, fonte de cientificidade dos resultados obtidos” (GAUTHIER, 2010, p. 27).

O terceiro critério, o da *teleonomia*, caracteriza a finalidade que orienta o ser como finalidade criada pelas interações entre ele próprio e o meio ambiente. Opõe-se ao positivismo dos fatos brutos, como se os dados estivessem sempre aí, e o observador apenas tivesse que apanhá-los no meio ambiente. Nesse critério, considera-se o caráter caótico da vida. Assim, quebra com o determinismo das coisas, abrindo espaço para o imprevisível.

Esse critério dialoga com a teoria das estruturas dissipativas e da ordem por meio das flutuações, como explica Santos (2005). Estas estabelecem sistemas abertos e funcionam nas margens das estabilidades, evoluem por flutuações de energia que, imprevisivelmente, desencadeiam reações por via de mecanismos não lineares e pressionam o sistema no limite máximo de instabilidade e conduzem a um novo estado macroscópico, resultante de interações de processos microscópicos segundo uma lógica de auto-organização numa situação de não equilíbrio, criando bifurcações, o ponto crítico em que a mínima flutuação de energia pode conduzir a um novo estado, potencialidade do sistema em ser atraído para um estado menor de entropia, sendo essa irreversibilidade dos sistemas abertos, produtos de sua história.

O critério da *agregatividade* renuncia à busca obsessiva pela objetividade cartesiana. Como diz Jacques Gauthier (2010), o inventor do método, a Sociopoética propõe rupturas com as propostas dominantes de pesquisa, e, reconhecendo que somos implicados no objeto que construímos, analisa as implicações na pesquisa, fazendo uso, por exemplo, do Diário de Itinerância e das narrativas dos copesquisadores no processo de pesquisa em que o grupo-pesquisador analisa o próprio pensamento, proporcionando a autoanálise e, mesmo sem a intenção de fazer intervenção, produz um efeito de formação e de transformação de si. Como ressalta Gauthier (2010, p. 30), é como “[...] ver minhas próprias costas”, pois “[...] não somos onipotentes e sim implicados em paradoxos. Isso constitui a nossa fecundidade”.

Como expressa o diário da copesquisadora Francisca (2015): “Participar dessas vivências sociopoéticas de interação e encontro pessoal foi muito interessante, pois me proporcionou um encontro comigo mesmo”. Gauthier (2012, p. 84) diz que a autoavaliação contínua e processual dos copesquisadores torna possíveis mudanças e redirecionamentos da pesquisa, algo imprevisível no começo da pesquisa e o Diário de Itinerância é um instrumento qualitativo, pois “[...] condensa os desejos e as críticas”,

tendo em vista que o tempo da pesquisa é limitado à prática da avaliação. Além de quebrar com a objetividade cartesiana, realço o caráter transversal da Sociopoética, influenciada pela teoria da complexidade, pela análise institucional e pela esquizoanálise:

A transversalidade é uma dimensão que pretende superar os dois impasses, quais sejam o de uma verticalidade pura e o de uma simples horizontalidade; a transversalidade tende a se realizar quando ocorre uma comunicação máxima entre os diferentes níveis e, sobretudo, nos diferentes sentidos. Isso constitui o próprio objeto de pesquisa de um grupo-sujeito. Nossa hipótese é a seguinte: é possível modificar diferentes “coeficientes de transversalidade” inconsciente nos diferentes níveis de uma instituição (GUATTARI, 2004, p. 111).

Em certo sentido, é essa transversalidade que ocorre na instituição do grupo-pesquisador que garante o caráter interventivo do método, por “[...] possibilitar ao indivíduo inserir-se no grupo na modalidade de ser ouvido-ouvinte, e ter acesso através do ‘para-além’ do grupo que interpreta, mais além do que manifesta, eis a alternativa proposta à intervenção analítica de grupo” (GUATTARI, 2005, p. 114).

Gauthier (2005) dirá que a Sociopoética amplia a análise institucional, pois favorece o conhecimento crítico das instituições e a invenção de alternativas instituintes, além de provocar no grupo-sujeito, que produziu os confetos, a transformação de si, e entra em novos devires que transformam a instituição.

Sendo inspirada em abordagens inovadoras a partir dos anos de 1960 e 1970, como “[...] a análise institucional, a pesquisa-ação e pesquisa participante, pedagogia do oprimido [...]” (GAUTHIER, 2012, p. 75), a Sociopoética concentra metodologias que caracterizam meu modo de pesquisar, implicada nas relações cotidianas e na militância política, ao considerar a pesquisa e a produção do saber, modos de poder, modos de intervir no mundo politicamente. Daí, uma implicação forte desse método em mim é sua relação com o método do brasileiro Paulo Freire, do qual Gauthier trouxe para a Sociopoética a ideia dos “temas geradores” e a dialogicidade do grupo-pesquisador.

Assim, Freire (1987, p. 56) defende que “[...] investigar os temas geradores é investigar o pensar dos homens sobre a realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis”. Sendo que essa práxis, como categoria de Marx (1986), significa, metodologicamente, pensar a relação entre teoria e prática, dialeticamente, numa dimensão problematizadora das relações materiais de existência. Essa práxis se dará pela ação dialógica que tem por objetivo “[...] proporcionar que os oprimidos, reconhecendo o *porquê* e o *como* de sua ‘aderência’, exerçam um ato de adesão à práxis verdadeira da transformação da realidade injusta” (FREIRE, 1987, p. 100, grifos do autor).

Daí, emergem os cinco princípios da Sociopoética no processo de produção de dados. O primeiro trata da *instituição do grupo-pesquisador e da produção coletiva*

do conhecimento, em que cada um participa ativamente da pesquisa, inclusive, dos seus devires, potencializando formas variadas de racionalidades e outras fontes de conhecimento, não racionais, emocionais, intuitivas, sensíveis, imaginativas e motrizes. Tal princípio é fundamental à proposta que visa Educar em Direitos Humanos, pois consolida a perspectiva de educação democrática, participativa, potencializadora do grupo e das experiências coletivas. Além disso, o grupo-pesquisador assume-se como filósofo, seu heterônimo, o sujeito coletivo do pensamento, como defendem Deleuze e Guattari (2010). Além do seu caráter eminentemente filosófico, é, também, político, pois trata de um plano de imanência, no qual e pelo qual a vida é problematizada, refletida e criada.

O segundo princípio, *a valorização das culturas dominadas e de resistências*, principalmente no que significa pensar a partir de outras maneiras de produzir saberes não eurocêtricos, de culturas marginalizadas pela colonização capitalista. Neste princípio, a Sociopoética deixa evidente também sua intenção epistemológica de descolonização do conhecimento (GAUTHIER, 2012), realçando a abordagem intercultural de ciência, com a valorização da diversidade de saberes, da “ecologia de saberes” (SANTOS, 2010) ao mesmo tempo em que empodera populações e culturas historicamente violadas e excluídas do campo da ciência por serem consideradas de saber menor, místicas, como é caso das culturais africanas e indígenas no Brasil. Assim, a Sociopoética, ao valorizar essas culturas, também evidencia sua postura política de defesa do princípio universal de Direitos Humanos à diversidade e à pluralidade cultural. Direitos dos fracos, como diz Gauthier (2012).

O terceiro princípio, *pensar, conhecer, pesquisar e aprender com o corpo inteiro*, buscando o equilíbrio entre razão e emoção, sabendo que existem diversos saberes que não se expressam por palavras, reconhecendo que o corpo fala, e que o corpo faz falar. O quarto princípio privilegia as *formas artísticas de produção dos dados*, que expressam a capacidade criadora do corpo, revelando fontes inconscientes de conhecimento. Tal princípio reconhece que a ciência de viés cartesiano, ao criar binarismos entre o corpo e a mente, produziu um tipo de educação de disciplina, docilização dos corpos (FOUCAULT, 2014), despotencializando a capacidade criadora e inventiva do sujeito. Nesse sentido, há de se potencializar modos de pesquisar, de ensinar e de aprender que valorizem a vida como obra de arte, como defendem Nietzsche, Foucault e Deleuze. Assim, a Sociopoética apresenta pistas do Educar em Direitos Humanos crianças e adolescentes, em cuja fase existencial é fundamental a educação pelo corpo inteiro. Algo importante aqui, também, é a pertinência da experiência como modo de produzir conhecimentos, de criar a partir da experiência. Criar a partir do que nos toca, do que nos passa, do que nos acontece, como compreende Larrosa (2016).

É relevante destacar, neste tópico, a influência da obra de Augusto Boal (1996), que mistura arte teatral e terapia. Traz para o palco a vida do telespectador e, ele mesmo, subindo ao palco, misturando-se à cena, traça o destino da peça, trazendo seus problemas

pessoais e sociais. Assim, o teatro, a arte são entendidos como domínios políticos, educacionais e psicoterapêuticos. Nessa leitura, Boal (1996, p. 42-43) corrobora a compreensão de que o “[...] ser humano é, antes de tudo, um corpo”. E que o corpo possui cinco sentidos fundamentais para a sensibilidade humana, como requer uma Educação em Direitos Humanos. É preciso um corpo que exercite o sentir em tudo que toca, ouvir tudo o que escuta, ver tudo o que olha, aguçar a memória do olfato e do sabor. É preciso exercitar os múltiplos sentidos do corpo. Exercitar suas razões, suas emoções e seus sentimentos.

E o quinto princípio, destaca a *responsabilidade ética, política, poética e espiritual do grupo-pesquisador* no processo de pesquisa, possibilitando a produção de desejos, de devires (GAUTHIER, 2012). Sendo a síntese dos princípios anteriores, o que me toca de modo especial é a ideia de pesquisar com a espiritualidade, o que envolve:

A relação do ser humano consigo mesmo, com os outros, e com a natureza. Envolve também o cuidar na pesquisa na medida em que pesquisar é entender um pouco do silêncio, do mistério da morte no pesquisar, no viver, no vivenciar. Assim, a espiritualidade no pesquisar toma uma forma iniciática por meio da descoberta de que nosso saber é abertura para um não saber radical. (ADAD, 2014, p. 56).

Com base nesses princípios, na Sociopoética, os dados não são coletados, mas produzidos pelo grupo-pesquisador, a partir da experiência vivenciada. Isso significa que, do ponto de vista qualitativo da pesquisa, esse momento produz experiências, tanto estéticas, como afetivas, filosóficas e científicas. Como afirma Larrosa (2016), na ciência moderna isso se perdeu, e nos modos de racionalidades dominantes a experiência ficou sem logos. Assim, a captura da experiência foi torná-la objetivada, homogeneizada, controlada, calculada, fabricada, convertida em experimento. Com isso, esqueceu-se que a experiência é impossível de objetivação e de universalização. Esqueceu-se que a “[...] experiência é sempre de alguém, subjetiva, é sempre daqui e de agora, contextual, finita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso, como a própria vida” (LARROSA, 2016, p. 40). A Sociopoética contribui para “[...] dignificar a experiência, reivindicar a experiência [...]”, e isso pressupõe “[...] tudo aquilo que tanto a filosofia como a ciência tradicionalmente menosprezaram e rechaçam: a subjetividade, a incerteza, a provisoriade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida...” (LARROSA, 2016, p. 40).

Como método inovador na ciência, propicia o encontro intercultural de saberes, produzindo uma espécie de direito à cognição e de acesso a outras produções culturais excluídas pela epistemologia cartesiana europeia. Assim:

Na Sociopoética multiplicamos as referenciais parcialmente incompatíveis, para que só percam aqueles que têm sede de referências. O budismo caminha com o candomblé e o ateísmo. Nietzsche com Marx

e o xamanismo. Não há pensamento criador sem momento de perda de referências, de recusa de princípios, de esquecimento, como dizem os índios pataxó. É a condição da intuição de ligações inéditas, de interferências complexas geradoras de problemas, confetos e conceitos. (GAUTHIER, 2005, p. 257)

Reconhecendo que “o saber” é uma abstração da língua, que não existe mais que “o poder”, como adverte Foucault (2014). Como o poder:

O saber é sempre contextualizado em redes semióticas envolvendo o corpo, ou melhor, os corpos e afetos, tais como são interligados em agenciamentos maquínicos mais ou menos coerentes. As pesquisas Sociopoéticas são críticas vivas da língua comum, que substantifica a vida, mata as diferenças e dissipa o corpo. (GAUTHIER, 2005, p. 262).

Nesse sentido, a Sociopoética produz experiência ao invés de dados, no sentido de que o dado é sempre algo manipulável. Entretanto, por uma questão de organização dos procedimentos, a análise de dados, ou seja, a análise das experiências, é realizada tendo em vista o processo, apresentado a seguir, de modo sucinto.

Depois de negociada a constituição do grupo-pesquisador, momento importante porque significa que o grupo vai se tornar parte coautora no processo de pesquisa, entendendo seus objetivos, o plano a ser executado e toda a produção é realizada por meio de oficinas, nas quais emergem, em torno de um tema-gerador e de técnicas, dispositivos artísticos, ou seja, “[...] gerador de dados não previsíveis, que permitem tocar a afetividade e o inconsciente envolvidos no pensamento” (PETIT, 2014, p. 33). Então, realizadas as oficinas de produção, o primeiro passo é fazer a análise plástica, intuitiva, das imagens pelo facilitador. No caso desta pesquisa, essa análise foi feita, mas como não passou pelo crivo das copesquisadoras, foi retirada, por isso não está relatada. Essa etapa não é fácil, pois, para que se cumpra sua finalidade, é necessário fugir das representações, das palavras e das coisas inventadas (1992, 2014) e aguçar a dimensão intuitiva, para desenvolver o ato de criação.

O segundo passo é fazer a análise classificatória, que prevê delineamento das categorias, cruzamento entre as ideias de uma mesma categoria e produção de confetos (conceitos + afetos). Na relação com a filosofia de Deleuze e Guattari, a Sociopoética insiste na fusão entre arte, filosofia e ciência em que aparecem os confetos, ou seja, “[...] perceptos (intensidades de percepção) estéticos e afetos criam um estar no mundo, que já favorece a emergência de figuras sensíveis, emocionais, intuitivas e estéticas, ativas como pensamento” (GAUTHIER, 2005, p. 258). Ou seja:

Os confetos são mais do que enunciados intelectuais, são a expressão de experiências coletivas que implicam o corpo sensível, portanto, uma forma potente de pensamento que não se limita à razão. Os conceitos, portanto, podem ser poéticos e/ou metafóricos, miscigenados,

interferências. Geralmente, anarquizam referências prévias. (PETIT;
ADAD, 2009, p. 5).

O terceiro passo é realizar os estudos transversais, momento em que as categorias são transversalizadas, buscando as linhas de constituição do pensamento do grupo para além do tema-gerador. Um momento muito desafiador, pois, com base nas narrativas das copesquisadoras, na produção de confetos, problemas, devires, significa “[...] ligar o que a análise opôs. Obrigar-se a pensar junto o que era oposto [...] E a máquina produzida vai ser bem diferente da análise, pois os pontos decisivos são diferentes” (GAUTHIER, 2012, p. 96).

O quarto passo é a contra-análise, etapa da pesquisa que evidencia o trabalho coletivo e cooperativo do grupo-pesquisador, e permite aos copesquisadores conhecer, confirmar, retificar, reexaminar e, especialmente, contrapor-se às análises do facilitador por meio do acesso ao texto transversal, construído com base nas narrativas do grupo-pesquisador. Como assevera Adad (2011), isso possibilita tornar mais precisas suas reflexões, pois pode ser interessante o facilitador trazer suas análises, geralmente, muito extensas, de forma mais sintética e comunicativa.

Assim, a contra-análise é um dos momentos mais intensos da Sociopoética, pois os copesquisadores se veem diante do próprio pensamento, causando efeitos profundos, como a autoanálise das práticas, percebendo limitações no pensamento do grupo, contradições, paradoxos. Provoca pensar sobre o próprio pensamento e criar possibilidades de transformação de si, do grupo, ressoando até a instituição, em muitos casos. Nesta pesquisa, as narrativas das copesquisadoras comprovam a potência do método como dimensão interventiva nesse autoconhecimento, mudança de si. Eis um fragmento em que as copesquisadoras desta pesquisa avaliam o texto transversal no momento da contra-análise e a experiência de vivência com o método Sociopoética, e em que percebem o pertencimento à pesquisa como sua construção, coletivamente, quando se veem refletidas nos textos transversais, ao mesmo tempo em que se identificam com o modo de produzir saberes do método, com o caráter artístico do texto e como isso corrobora a avaliação da prática institucional. Assim, referem-se ao texto transversal na fase da Contra-Análise, e dizem:

E o texto está expondo mesmo a história de cada uma da escola Mãos Dadas. É essa nossa história. Com certeza todos os membros se encontraram dentro da leitura, não teve nada fora. É um sentimento de pertencer à construção do texto. A gente se sente parte integrante, que a gente constatou o que aconteceu no dia, nossas falas, nosso jeito de dizer está presente no texto. Então, nós somos parte integrante dele, pertencemos à construção dele. O texto é nosso, porque nos pertence, nós construímos juntas no coletivo. A gente percebeu essa potência poética que dava até gosto, relaxante. Não são respostas secas, a gente percebe sentimento, lendo, percebe além. É como se a gente estivesse ouvindo novamente as pessoas, o depoimento das pessoas. O mais interessante

é porque a gente se encontra dentro do texto. Nós nos encontramos a cada técnica. É um texto diferente, não está distante. Está próximo à nossa realidade. E faz sempre a gente repensar na nossa prática, porque aqui o que é sempre colocado é nós estarmos sempre nessa questão do pensar, do querer mudar, querer realmente fazer a diferença pra essas crianças. E o texto faz nós pensarmos nessa questão do que precisamos para estar à cada momento transformando o Parque Alvorada. Continuar a transformar a realidade dessas crianças. (CIDADÃO PERSI³).

Esses relatos orais das copesquisadoras evidenciam a natureza poética do método, como uma música que se repete e se diferencia e, como potência criadora, um modo de viver a pesquisa como obra de arte. Viver a pesquisa como um ritornelo, o ritmo e a melodia territorializados, como automovimento das qualidades expressivas (DELEUZE; GATTARI, 2012, 1997).

Na Sociopoética, a linguagem assume *performance* poética, porque possibilita dialogar com todos os saberes. Os confetos emanam da experiência da própria relação com a vida, na experiência imediata, constituindo-se em momento único que não se repete, mas se caracteriza como uma criação, uma *poiesis*. Desse modo, “[...] o original, o inovador está no que chamamos, na nossa investigação, de segundo princípio forte: o princípio do esteticamente diferenciador, que traça linhas de fuga inesperadas dentro do conjunto de expressões e obras criadas” (GAUTHIER, 2003, p. 302). A própria linguagem sociopoética é um modo de descolonização do pensamento objetivamente cartesiano.

No quinto passo, é feito o arremate filosófico das experiências, momento em que há o diálogo dos dados com os referenciais teóricos adotados, o que resulta, por vezes, na produção de novos conceitos e achados científicos. Entretanto, é relevante destacar que, na Sociopoética, todos os momentos são filosóficos, pois o próprio sujeito coletivo, o heterônimo do grupo-pesquisador, é denominado de sujeito filosófico. No caso desta pesquisa, foi criado o Cidadão Persi, sujeito coletivo, o heterônimo do grupo-pesquisador.

Alguns resultados do pensamento Cidadão Persi: confetos do educar em direitos humanos de crianças e adolescentes

O grupo-pesquisador *Cidadão Persi* é internamente feminina, um grupo de mulheres, professoras que trabalham na Educação básica do Projeto Educativo “Mãos Dadas”, no território do Grande Parque Alvorada, um território desenhado como de vulnerabilidade social principalmente para a demanda infanto-juvenil, entre Timon, MA e Teresina, PI. Como estratégia de inscrever seu corpo na história, no direito, na política, subverte a ordem e assume a identidade de “*cidadão*”, o lugar do homem, aquele que é aceito na

3 *Cidadão Persi* é o nome do heterônimo do grupo-pesquisador, o sujeito coletivo na pesquisa de doutorado (SILVA, 2017). Segundo Deleuze e Guattari (2010), os personagens conceituais são os “*heterônimos*” do filósofo.

cidade, na norma, nas relações políticas e que pode falar, exercer a cidadania, como discurso que foi produzido para invisibilizar a atuação da mulher na história. Assim, subvertendo a ordem e criando uma invenção de si (CERTEAU, 1994), o *Cidadão Persi* produz sua potência, sua capacidade de resistência justamente na condição de ser *mulher*. Assim, ele se define como uma *Força-Mulher-Cidadão Persi*.

Para o *Cidadão Persi* é na experiência de grupo que acontece a troca colaborativa trazida pelo envolvimento, pelo pertencimento de estar dentro do processo, pela participação que potencializa a Educação em Direitos Humanos porque produz um poder que transforma. Assim, a força educativa do *Cidadão Persi* de educar em Direitos Humanos se expressa no *Modo-de-educar-na-ciranda* que é o educar que todos têm vez e voz, desde que seja dada a oportunidade para o crescimento pessoal e coletivo dos que estão na ciranda. Quem determina essa condição é o próprio grupo, pois todos os integrantes podem opinar e sugerir ações e ideias em prol do crescimento do grupo como um todo.

A *Força-Mulher-Cidadão Persi* é uma *Mãe-Africana* “que educa e aprende com outras coisas, outros saberes que escapam às normas e aos lugares da escola”. Manifesta-se, sobretudo, por três características fundamentais da sua afrodescendência como a circularidade dançante; a alacridade, sendo a alegria um modo de resistir e de enfrentar os problemas. Pois, como diz “[...] os círculos são [...] uma vivência desse processo de alegria [...]”. Para ela, educar em Direitos Humanos é um *Abraço Capulana Cirandoando* que une forças, acolhe as diversidades, as várias realidades, sente o outro, pois na escola tem várias realidades. E a terceira característica, a espiritualidade, encarnada na conquista do Educar em Direitos Humanos crianças e adolescentes que a impulsiona a continuar essa caminhada e que é “alimento ao nosso corpo que nos habita para que consiga todo dia acordar e matar um leão a cada dia”. O sentido da espiritualidade como “lições de vida”, “princípios”, “valores” e “laços de amorosidade” nas relações.

Mas, é dentro dessa realidade que a *Força-Mulher-Cidadão Persi* cria uma “Pedagogia Mãos Dadas”. Essa pedagogia se expressa no corpo *Professor-Criança* que se enrola no chão, troca experiências e tece juntos com as mãos o Educar em Direitos Humanos. Pedagogicamente, a performance *Professor-Criança* reforça os Direitos Humanos na medida em que desconstrói preconceitos e transforma os problemas da vida de crianças e adolescentes em questões filosóficas para serem refletidas em sala de aula.

Considerações finais

A experiência com a Sociopoética deixou evidente que, além de ser um método, também é uma abordagem filosófica, sendo um modo de transversalização dos saberes produzidos pelo grupo-pesquisador com outros saberes não reconhecidos academicamente, produzindo um conhecimento novo, que tanto altera os saberes

experenciais dos que vivenciam o método, como corrobora com os saberes disciplinares, institucionais, filosóficos, científicos.

Assim, um grande aprendizado foi que tive de aprender a quebrar as fronteiras e assumir o espaço do entrelugar, algo muito difícil para quem foi formada em uma visão binária cartesiana. Tive de atravessar muros e preconceitos e de construir pontes entre o direito, a filosofia, a arte, a educação, a política e a espiritualidade, o que exigiu constantes deslocamentos conceituais, metodológicos e filosóficos e a descolonização do meu pensamento, do meu corpo. Tive de aprender a transversalizar todos esses conhecimentos, a fazer travessias entre um campo específico do saber e outro, algo que é extremamente desafiador na nossa formação e que aprendi com a Sociopoética.

A Sociopoética é uma espécie de filho gerado pelas costas, anormal para quem não consegue enxergar mais, tocar, sentir, confiar nos saberes da terra nem rachar as palavras e as coisas, mas que, como uma mãe africana que não rejeita sua cria e conta sua história no próprio corpo, carrega-o amarrado às costas com uma Capulana nas difíceis travessias que o caminho da pesquisa impõe e faz viver, com uma espiritualidade encarnada na terra, entre córregos de água com os pés no chão, sentindo o cheiro de manguita, da infância, e o vento soprando aos ouvidos a poesia cantarolada de Maria Betânia: “Eu quero, quero, quero ser sim essa ave frágil que avoa no sertão. O oco do bambu. Apito do acaso. A flauta da imensidão”.

Neste sentido, a própria Sociopoética se afirma como caminho metodológico do Educar em Direitos Humanos crianças e adolescentes, pelo uso do corpo, da arte, da produção coletiva e democrática do conhecimento. A potência sociopoética de gerar filhos pelas costas significa uma prática de intervenção na pesquisa e no ensino que produz a transformação de si e do grupo. Como o próprio grupo-pesquisador *Cidadão Persi* afirma na produção de um dos seus confetos denominado *Educar Mãe-Africana*, educar em Direitos Humanos significa educar e aprender com outras coisas, outros saberes que escapam às normas e aos lugares da escola. Seu poder na vida de crianças e dos adolescentes tem a força da criação.

Referências

- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A Sociopoética e os cinco princípios. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra H.; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Org.). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a Sociopoética*. Fortaleza: EdUECE, 2014. p. 41-59.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *Corpos de Rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores*. Fortaleza: RFC, 2011.
- BOAL, Augusto. *O arco-íris do desejo: Método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 3. ed. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, Gilles. Carta a um crítico severo. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. Disponível em: <http://murilocorrea.blogspot.com.br/2010/11/carta-um-critico-severo-de-gilles.html>. Acesso em 19 mai. 2017
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI. Félix. *O que é Filosofia?* 3. ed. Trad. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI. Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4 Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI. Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 4. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- FRANCISCA, Soares. *Diário de Itinerância*. Timon, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. Disponível em: <http://forumaja.org.br/files/PedagogiadoOprimido.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 28 ed. Rev. Roberto Machado. Rio de Janeiro: 2014.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. *O oco do vento: metodologia de pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. Curitiba: CRV, 2012.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. Metáfora e conceito em pesquisa qualitativa. *Revista de Enfermagem da UERJ*, 2003, n. 11, p. 301-306. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v11n3/v11n3a11.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2016.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. *Sociopoética: o livro do iniciante e do orientador*. Salvador, mimeo., 2010.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. Trilhando a vertente filosófica da montanha: Sociopoética – a criação coletiva de confetos. In: SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques; PETIT, Sandra Haydée (Org.). *Prática da Pesquisa nas ciências humanas e sociais: abordagem sociopoética*. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2005, p. 257-286.

GUATTARI, Felix. A transversalidade. In: *Psicanálise e transversalidade: ensaios institucional*. Aparecida: Ideias e Letras, 2004. p. 101-117. (Coleção Psicanálise Século I).

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed.. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016. (coleção Educação: Experiencia e sentidos).

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PANIKKAR, Raimundo. Seria a noção de direitos humanos um conceito ocidental? In: BALDI, Cesar Augusto. *Direitos Humanos na sociedade cosmopolítica*. Rio de Janeiro: Renovar, 2004. p. .205-238.

PETIT, Sandra H. Potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: ADAD, Shara Jane H. C.; PETIT, Sandra H.; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques. *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a Sociopoética*. Fortaleza: EdUECE, 2014. p.19-39.

PETIT, Sandra H.; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Ideias sobre confetos e o diferencial da Sociopoética. In: *Entrelugares: revista Sociopoética e de abordagens afins*. Fortaleza. ISSN: 1984-1787, v. 1, n. 2, mar./ago. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Maria Eliene Magalhães da. *Marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras em Quilombos de Caucaia/CE: uma abordagem pretagógica*. Fortaleza, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

Recebido: 19/05/2019

Aprovado: 02/08/2019